

Cobertura jornalística de conflitos orientada para a paz: a reportagem do catalão Bru Rovira

Peace-oriented media coverage of conflicts: the report of the Catalan Bru Rovira

TAYANE AIDAR ABIB

Universidade Estadual Paulista – Brazil

MAURO VENTURA

Unesp – Brazil

PROCESO EDITORIAL ▶ EDITORIAL PROCESS INFO

Recibido: 16/04/2021

Aceptado: 14/05/2024

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO ▶ HOW TO CITE THIS PAPER:

Aidar Abib, Tayane, Ventura, Mauro (2022). Cobertura periodística de conflictos orientada a la paz: el reportaje del catalán Bru Rovira. *Revista de Paz y Conflictos*, Vol.15, pp. 165-182, DOI: <http://dx.doi.org/10.30827/revpaz.15.21015>.

SOBRE LOS AUTORES ▶ ABOUT THE AUTHORS

Tayane Aidar Abib Doutora em Comunicação na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mestre em Comunicação e jornalista formada pela mesma instituição. Desenvolveu estágios de pesquisa na Universitat Autònoma de Barcelona (2019), na Universidad Complutense de Madrid (2017) e na Universidade Nova de Lisboa (2014) tayaneaabib@gmail.com

Mauro de Souza Ventura Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Livre-Docente em Jornalismo. Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) mss.ventura@unesp.br

Resumo

Neste artigo, desenvolve-se uma investigação de cunho teórico e interpretativo acerca do Jornalismo para a Paz, a partir do estudo da narrativa do repórter catalão Bru Rovira sobre os conflitos desencadeados na Libéria em 2004. Revisita-se bibliografia referencial sobre o campo de estudos da Comunicação para a Paz afim de identificar na reportagem *Liberia: la guerra de los tempos modernos*, originalmente publicada no jornal espanhol *La Vanguardia*, os procedimentos que caracterizam uma cobertura jornalística orientada para a paz, segundo Lynch e McGoldrick (2000). Conclui-se, de tal estudo analítico, que a produção noticiosa de Rovira apresenta uma abordagem complexa e contextual da realidade liberiana no pós-Guerra Fria e interessada em colher testemunhos de atores sociais anônimos envolvidos nos conflitos.

Palavras-chave: Jornalismo para a Paz, Cobertura de conflitos, Bru Rovira, Análise interpretativa

Abstract

In this article, a theoretical and interpretive investigation about Peace Journalism is developed, based on the study of the narrative of the Catalan reporter Bru Rovira on the conflicts unleashed in Liberia in 2004. A referential bibliography on the field of Peace Communication is revisited in order to identify in the report *Liberia: the war of modern times*, originally published in the Spanish newspaper *La Vanguardia*, the procedures that characterize peace-oriented journalistic coverage, according to Lynch and McGoldrick (2000). It is concluded, from this analytical study, that the news production of Rovira presents a complex and contextual approach to the Liberian reality in the post-Cold War and interested in collecting testimonies from anonymous social actors involved in the conflicts.

Keywords: Peace Journalism, Coverage of conflicts, Bru Rovira, Interpretative analysis

1. Introdução

A morte de Francisco Franco Bahamonde, militar que esteve à frente da ditadura espanhola do final da Guerra Civil, em 1939, até 1975, é considerada não apenas um marco político na história da sociedade espanhola, com o início do reinado de Juan Carlos I, de Borbón, mas também um ponto de inflexão importante ao jornalismo do país. Se até então os setores da imprensa e radiodifusão locais estavam convertidos em canais de doutrinação político e ideológico, o período da transição espanhola à democracia impulsionou o protagonismo do jornalismo na luta pela consolidação de um sistema de liberdades dentro e fora das redações. Foram os anos dourados da imprensa espanhola, conforme relatado em entrevista por jornalistas dessa geração¹, com o resgate e o fortalecimento de seu valor social a partir de uma aposta muito clara pelo *reporterismo* e pelo ofício narrativo. Para além do tom ora partidário, ora informativo que caracterizara os meios espanhóis dos últimos três séculos, a dinâmica jornalística emergente do franquismo assumiu, assim, a complexidade da escritura e o exercício autoral e investigativo como marcos distintivos de suas coberturas.

É neste contexto sócio histórico que se inscreve a atuação jornalística de Bru Rovira, cujos trabalhos de reportagem elege-se aqui analisar. Da escola de Ryszard Kapuściński (1932-2007), o repórter catalão especializou-se na cobertura de temas sociais e internacionais, tendo dedicado décadas de sua carreira a compreender a reconfiguração geopolítica da região dos Balcãs e da África subsaariana no pós-Guerra Fria. Durante os anos 1990, teve a oportunidade de reportar conflitos que assolaram Somália, Ruanda, Sudão do Sul, República Democrática do Congo e Libéria, colaborando com a seção *La Revista* do jornal *La Vanguardia*, de Barcelona – uma publicação diária, nas duas páginas centrais do jornal, criada como projeto do periódico para reformular-se gráfica e editorialmente.

Especificamente para este estudo, opta-se por dedicar atenção especial ao texto *Liberia: la guerra de los tempos modernos*, publicada originalmente no jornal espanhol *La Vanguardia* (2004), que é também capítulo da obra *África: cosas que pasan no tan lejos* (2006), de modo a identificar aproximações entre a prática jornalística de Rovira e a perspectiva da Comunicação para a Paz (Galtung, 1996; Guzmán, 2001; Lynch e McGoldrick, 2000). Sublinhando as incursões narrativas de Rovira sentido a uma cobertura orientada ao conflito (e não à violência), à verdade (e não à propaganda), à gente (e não às elites), e à solução (e não à vitória), busca-se evidenciar, assim, um aparato noticioso divergente dos tradicionais modos de produção jornalística.

2. A narrativa jornalística de Bru Rovira

Há uma biografia resumida, que apresenta a história de vida do jornalista em fatos datados e diretos, como pede o *lead* noticioso: Bru Rovira i Jarque nasceu em Barcelona, em 1955, trabalhou nas revistas espanholas *Arreu*, *Primeras Noticias* e *La guía del ocio*, e nos diários *Tele/Exprés*, *El Noticiero Universal*, *Avui*, *La Vanguardia* e *Ara*. Atualmente, colabora com o programa *A vivir que son dos días*, transmitido aos sábados e domingos pela emissora *Sociedad Española de Radiodifusión* (SER), do conglomerado midiático PRISA. Sua trajetória profissional, no entanto, está marcada pelos 25 anos de atuação como repórter no jornal *La Vanguardia*, onde se destacou na cobertura de pautas sociais e internacionais, e recebeu os prêmios Miguel Gil Moreno (2002) e Ortega y Gasset (2004) pelo conjunto de seu trabalho.

¹ Citamos os jornalistas entrevistados: Lluís Foix, Josep Carles Rius, Juan José Caballero, Inmaculada Sanchís, Alfonso Armada, Gervásio Sánchez, além do repórter Bru Rovira. Essa proposta de estudo desdobra-se de projeto desenvolvido no Observatorio de Cobertura de Conflictos (Universitat Autònoma de Barcelona), com financiamento Fapesp.

Tem oito livros jornalísticos publicados: *Pau Vila – he viscut!* (1989); *35 días en China – el despertar del dragón* (1997); *Maternidades* (2004); *Áfricas – cosas que pasan no tan lejos* (2006); *La vida a tragos – historias de Guatemala* (2009); *Vidas sin fronteras* (2010); *Solo pido un poco de belleza* (2016) y *El mapa del mundo de nuestras vidas* (2017 – edição ampliada e revista da obra *Vidas sin fronteras*), e define sua prática profissional como “periodismo de carreteras secundarias”.

O exercício jornalístico que se está a defender neste estudo, entretanto, demanda um movimento de aproximação para ir além dos simples dados e alcançar a complexidade das histórias. Sendo assim, é importante começar destacando que Rovira fez escola em um ambiente de resistência e com figuras referências ao jornalismo catalão, como Josep María Huertas Clavería, Joaquín Ibarz e Manuel Vázquez Montalbán, que lutaram pela defesa da liberdade de imprensa durante o regime ditatorial de Francisco Franco (1939-1975), desde o *Grup Democràtic de Periodistes*. Inspirou-se também no trabalho de Ryszard Kapuściński, sobretudo em suas incursões pelo continente africano, fazendo da atitude de reportar a partir de personagens anônimos a peça chave de sua conduta profissional.

Da convicção do historiador e repórter polaco de que, “para se ter direito a explicar, é preciso ter um conhecimento direto, físico, emotivo, olfativo sobre aquilo que se fala” (Kapuściński, 2002: 15, tradução nossa²), Rovira aprendeu o valor da observação às pequenas coisas. Identificar aqueles detalhes que significam aos sujeitos, que conferem sentido ao seu cotidiano e acabam por conectar suas micro-realidades a dimensões sociopolíticas mais amplas. São os elementos aparentemente simples, afinal, que carregam a potência de uma história, com sua vitalidade, suas contradições e fragilidades. O jornalismo, como ensina Kapuściński (2002: 37, tradução nossa³), é também ofício de emoções, já que “a fonte principal de seu trabalho são ‘os outros’”. E, para Rovira, é pelo escopo que atrela os diminutos da cotidianidade às subjetividades humanas que somos capazes de alcançar a complexidade do real – como uma espécie de porta de entrada à compreensão das redes contextuais que formam a vida em sociedade.

Se o mundo pode ser explorado desde uma multiplicidade de rotas, Rovira elege adentrá-lo pelas vias secundarias. Investindo no caminho e sem se preocupar em acelerar a chegada, é como se o repórter preferisse tomar as pistas vicinais, em alusão às viagens de automóvel que cruzam as regiões interioranas, assim disfrutando o percurso e dedicando interesse aos seus entornos.

Eu prefiro, e faço, um jornalismo de vias secundárias, no sentido de que o mainstream não me interessa. O que me interessa é circular mais pelos lados, por dentro, ou seja, sair do discurso oficial para enfatizar uma prática distinta. Jornalismo é conhecimento do que ocorre através das pessoas, dos sentimentos e, sobretudo, do escutar. E a ideia de pistas secundárias é dar força a tudo isso que se perdeu na profissão (Rovira, 2019: informação verbal⁴).

Aplicada ao jornalismo, essa dinâmica assume a configuração de uma prática contracorrente: diante de um processo de produção noticioso acomodado pelas rotinas profissionais (Traquina, 2005),

² No original: “Para tener derecho a explicar se tiene que tener un conocimiento directo, físico, emotivo, olfativo sobre aquello de lo que se habla”.

³ No original: “La fuente principal de nuestro trabajo son ‘los otros’”.

⁴ No original: “Yo prefiero, y hago, un periodismo de carreteras secundarias en el sentido que el *mainstream* no me interesa. Lo que me interesa es circular más por los lados, por dentro, es decir, salir del discurso oficial para enfatizar un modo distinto de hacer. Periodismo es conocimiento de lo que ocurre a través de las personas, de los sentimientos y, sobre todo, del escuchar. La idea de carreteras secundarias es dar fuerza a todo eso que se ha perdido” (Entrevista concedida aos autores em 02 de outubro de 2019).

manifesta-se como atitude vital de oposição às narrativas centradas nas figuras oficiais, sinalizando para uma espécie de jornalismo de antipoder. Na ideia de *carreteras* secundarias, portanto, está a conduta propositiva do repórter catalão de resgatar o protagonismo de pessoas e temas marginalizados pelas coberturas midiáticas hegemônicas, de modo a convertê-los em peças centrais nas discussões acerca das problemáticas socioculturais. Kapuściński (2002: 38, tradução nossa⁵), desde sua posição marginal, já inscrevia o jornalismo como ofício essencialmente de relação, “saber como se dirigir aos demais, como trata-los e compreendê-los”. A dinâmica das *carreteras secundarias*, por se basear na centralidade do sujeito e na observação atenta aos detalhes, depende de uma abertura à escuta e à alteridade desde o movimento do diálogo: “colocar-se no lugar de entender como o Outro vive, por que vive assim, com quem vive, como se relaciona com o seu entorno, quais sonhos e ideais tem” (Rovira, 2019: información verbal⁶).

Aos tradicionais saberes de reconhecimento, procedimento e narração (Traquina, 2005), que direcionam o modelo informativo em função de critérios de noticiabilidade, predileção por fontes oficiais e redação em formatos de *lead* e pirâmide invertida (Lage, 2005), a acepção de *carreteras* secundárias fundamenta possibilidades de coberturas de fôlego, onde o valor está na construção de sentidos tecida por cada sujeito, no compartilhar entre repórter e personagens, e na tomada de uma escritura que, antes de aplicar fórmulas, busca encontrar os pontos de cadência entre os acontecimentos, através de uma vinculação com seus contextos.

Trata-se de um *modus operandi* que Bru Rovira manifestou com potência e liberdade em seus anos de *reporterismo* para o jornal espanhol *La Vanguardia*, sobretudo no período em que contribuiu com as seções *La Revista*⁷ (1989-1997) e *El Magazine* (1997-2009) do diário. Foi uma etapa, conforme relata Juan José Caballero, redator-chefe do diário de 1982 a 2009, em que havia um projeto editorial interessado em desenvolver “uma visão distinta das notícias, mais aprofundada, sob as chaves da reportagem e da narração” (2019, informação verbal⁸, tradução nossa). Uma aposta, em outras palavras, pela singularidade na escolha das pautas e um cuidado com o tratamento narrativo, na concretização do lema “ver, ouvir e contar”, sobre o qual refletíamos antes.

Como membro da equipe de profissionais criada pelo *La Vanguardia* em sua reformulação gráfico-editorial de 1989, Rovira colaborou como repórter de temas sociais e enviado especial a países do leste europeu, da Ásia, da América Central e da África, narrando cenários de crise humanitária e conflitos, durante um período em que também desenvolvia experiências fotográficas – sozinho, ou com o fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado. Para a presente investigação, interessa-nos focar nossas análises às incursões de Bru Rovira sobre África subsaariana, publicadas nas seções *La Revista* e *El Magazine*, do jornal *La Vanguardia*, e posteriormente reunidas no livro *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006). De modo especial, elegemos apresentar neste texto os resultados de nosso trabalho interpretativo com a reportagem *Liberia: la guerra de los tempos modernos*.

Considerando o aparato narrativo distinto que costuma configurar os registros de Rovira, em contraposição aos modelos tradicionais de escritura jornalística, nossa proposta, ao nos acercarmos do objeto de estudo em questão, é verificar se também em relação às coberturas de conflitos uma

⁵ No original: “Saber cómo dirigirse a los demás, cómo tratar con ellos y comprenderlos”.

⁶ No original: “Ponerse en el lugar de entender cómo el otro vive, por qué vive así, con quién vive, cómo se relaciona con los otros, con los objetos, con la naturaleza, qué sueños tiene, qué ideal tiene...” (Entrevista concedida aos autores em 02 de outubro de 2019).

⁷ Criada em 03 de outubro de 1989, *La Revista* era uma seção de reportagens publicada diariamente, na cor salmão, nas duas páginas centrais do jornal *La Vanguardia*. Mais informações em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1989/10/03/pagina-31/33083527/pdf.html>.

⁸ No original: “Una visión distinta de las noticias, más profundizada, bajo las claves del reportaje y de la narrativa”. Entrevista concedida aos autores em 04 de dezembro de 2019.

dinâmica noticiosa divergente se faz notar. Especificamente, nosso objetivo é articular os textos de Bru Rovira à perspectiva do Jornalismo para a Paz (Galtung, 1996; Lynch e McGoldrick, 2000), já que essa prática se caracteriza por sua atitude transgressora, de resistência e ruptura frente aos discursos e representações violentas que permeiam a mídia tradicional.

Neste sentido, o próximo tópico explora as contribuições do campo da Comunicação para a Paz ao trabalho jornalístico em zonas de conflito e crise humanitária, de modo a evidenciar as responsabilidades e compromissos profissionais frente a realidades como essas e de identificar as configurações da conduta narrativa de Rovira neste terreno.

3. Em diálogo com os Estudos para a Paz

Quando Bru Rovira entrevistou Ryszard Kapuściński para uma edição do *El Magazine* de 2002, compartilhou com ele a percepção de que a opção militar e policial parecia haver se imposto sobre o caminho de buscar soluções coletivas ao imparável desenvolvimento do planeta. O repórter polaco, cuja experiência em cobertura de conflitos se estende por diferentes partes do mundo de 1960 aos anos 2000, lhe respondeu que “infelizmente, assim é. E podemos constatar pela linguagem dos meios de comunicação” (Kapuściński, 2002: 26). É por uma mudança de linguagem, em sua opinião, que as guerras começam – e nunca com o primeiro tiro:

Logo aparecem palavras como lutar, liquidar, inimigo, matar, esmagar. É a linguagem da agressão e da arrogância. Vemo-las nos meios e nos discursos políticos, nas discussões públicas e privadas. E assim se prepara o ambiente, forma-se a atmosfera para quando os tiros começam (Kapuściński, 2002: 26, tradução nossa⁹).

De fato, a dimensão da violência atravessa os discursos e as coberturas dos meios hegemônicos. No início dos anos 1960, Johan Galtung e Mari Hauge já sublinhavam, em investigação publicada na revista *Journal of Peace Research*, a negatividade como um dos fatores que permitem entender por quê um fato ganha estatuto noticioso na cobertura internacional. O estudo *The structure of foreign news*, de 1965, analisa o trabalho jornalístico desenvolvido em quatro diários noruegueses acerca das crises desencadeadas no Congo, em Cuba e Chipre naquele período, destacando duas conclusões importantes para o nosso trabalho: os atos de violência se convertem em acontecimentos noticiáveis em si mesmos, e quanto menor o *ranking* de uma nação, mais negativas serão as notícias sobre a mesma.

Este *frame* de conflitos que enfatiza o enfrentamento entre os indivíduos, grupos ou instituições, segundo Maribel Sánchez (2011: 103, tradução nossa¹⁰), ademais de ser um marco do sensacionalismo crescente que afeta o discurso jornalístico, “reforça a visão de que essa é a única via para estabelecer a paz”. O conflito em si mesmo, em razão do tom de tais discursos, tende a ser considerado desde uma mirada negativa, porque abordado como sinônimo de confronto e violência, quando, em verdade, deveria ser assumido como “motor da transformação social”(Fisas, 1987: 176) e “elemento criativo essencial nas relações humanas” (Fisas, 1987: 221, tradução nossa¹¹). Isso

⁹ No original: “De pronto aparecen palabras como luchar, liquidar, enemigo, matar, aplastar. Es el lenguaje de la agresión y de la arrogancia. Lo vemos en los medios y lo vemos en los discursos políticos, en las discusiones públicas y privadas. Y así se prepara el ambiente, se caldea la atmósfera para cuando empiecen los tiros”.

¹⁰ No original: “Refuerza la visión de que ésa es la única vía para establecer la paz”.

¹¹ No original: “Element creatiu essencial en els relacions humanes”.

porque, sob uma explicação esquemática, um conflito indica a existência de uma incompatibilidade de interesses ou de objetivos, isto é, “uma situação em que um ator se encontra em oposição consciente com outro ator (do mesmo nível ou diferente)” (Fisas, 1987: 173, tradução nossa¹²), de modo a demandar uma resolução para a satisfação das partes implicadas, desde as partes implicadas. Em jogo está, portanto, a possibilidade de reexaminar as percepções, os objetivos e os custos do conflito, buscando resultados positivos a todas as partes e as transformações necessárias. Entretanto, a força militar acaba se impondo como forma de lidar com os conflitos, em parte pela incapacidade dos atores de delinear planos a longo prazo, segundo Xavier Giró (2020), e em parte pelas estruturas desiguais de poder que tampouco aceitam rediscutir seus interesses.

Os grandes meios de comunicação, geralmente posicionados sob um espectro ideológico conservador, resistem a assumir uma linha informativa de mudança, o que resulta em uma cobertura de reforço aos discursos oficiais sobre as estratégias de enfrentamento, pouca ação de resistência por denúncia e reflexão sobre possibilidades de transformação social. As escolhas jornalísticas, que não são arbitrárias – conforme indicam os estudos de noticiabilidade (Shoemaker, 2006; Sodré, 2009) -, tendem a um grau de dramatiza o ao apelar aos confrontos diretos,   criminalidade e aos acidentes, “causando ou indiferença ante   dor alheia, ou um impulso irracional de ajudar de qualquer maneira e de modo urgente” (Gir ; Farrera; Carrera, 2014: 59), quando deveriam trabalhar para construir a paz, buscando as soluçoes mais justas possíveis – em favor dos que padecem discrimina oes e explora oes – e com o menor sofrimento possível.

O mais importante, acredito,   partir da ideia de que o que fazemos como jornalistas influencia, em alguma medida, nos conflitos que reportamos. E não de uma forma abstrata, mas, precisamente, nas pessoas que estão nesses conflitos, em suas condutas, naquilo que fazem e não fazem. Esse   o ponto chave para se pensar: escrever, reportar, trabalhar como jornalista pensando nos efeitos daquilo que você produz. Essa   uma ruptura fundamental com uma posi o mais enraizada na cultura profissional jornalística que   pensar “eu informo, e o que as pessoas fazem com a informa o   assunto delas”. Isso não funciona assim. As pessoas fazem com a informa o aquilo que você permite que façam, desde o que você escreve, isto  , o que você produz tem possibilidades de influenciar, em diversos sentidos, a vida das outras pessoas, e você precisa se preocupar com isso (Gir , 2020: 195).

Essa   a mudança de perspectiva que propõe o campo de estudos da Comunica o para uma Cultura de Paz, em seu horizonte específico sobre a prática jornalística: que as informaçoes midiáticas que tratam de realidades de conflito, “como se fossem *reality shows*” (Guzmán, 2001: 29, tradu o nossa), rompam com um trabalho de “apenas promover uma pseudo-paz de emo oes” (idem), e assumam a responsabilidade de preocupar-se para que a repercussão dos conflitos favoreça a paz, isto  , afaste-se da violência e acerque-se de soluçoes justas, fomentando as mudanças desde a satisfa o das partes implicadas – como sugere a acep o mesma de conflito abordada por Vicenç Fisas.

A discussão que figura como pano de fundo, deste modo,   a de uma tomada de consci ncia dos profissionais sobre a necessidade de avan ar de um modelo informativo atravessado pela dimensão

¹² No original: “Una situación en que un actor (persona, comunitat, Estat) es trova en oposición conscient amb un altre actor (del mateix o de diferent rang)”.

da violência a um jornalismo, conforme Alberto Piris (2000: 354, tradução nossa¹³), “que permita compreender as origens das crises, situá-las em seu verdadeiro âmbito e estender na opinião pública a ideia de que essas podem ser controladas, inclusive antes de que explodam, se lhes forem dedicadas a atenção e os meios necessários”. Trata-se de uma reflexão, assim, que questiona os termos sobre os quais os conflitos são frequentemente concebidos e representados pela mídia.

Quando Johan Galtung começou a trabalhar com os Estudos para a Paz, nos anos 1960, sob a mirada epistemológica das Ciências Sociais Aplicadas, o fez fundamentando tal horizonte “na convicção de que o mundo é transformável, maleável, pelo menos até certo ponto”(Galtung, 1996: 10, tradução nossa¹⁴). Inscreveu as vias empíricas, críticas e construtivistas¹⁵ como as bordas de um triângulo que conecta dados, teorias e valores, e que assim, fixa os Estudos para a Paz como uma disciplina *sui generis*, cuja dinâmica por essência é construtivista, mas dependente de uma inspiração crítica e de um exame empírico.

Suas investigações, que apresentam como características básicas a interdisciplinaridade e o caráter normativo, buscam explorar as condições pacíficas para reduzir a violência. Aludem ao período entre as duas guerras mundiais, como explica Vicent Martínez Guzmán (2001: 112, tradução nossa¹⁶), quando predominavam análises quantitativas e um rigor matemático para entender as regularidades dos conflitos bélicos, para propor um giro epistemológico, onde o interesse “consistiria no reconhecimento das múltiplas e diversas competências humanas para transformar os conflitos, desaprender as guerras e todo tipo de violências, afrontar as relações internacionais, exercer a ajuda humanitária e ir além do desenvolvimento”.

Se a primeira etapa direciona uma visada à polemologia, com o estabelecimento de centros de estudo e publicações científicas na França, nos Países Baixos e nos Estados Unidos, e a paz como um conceito negativo, herdado dos romanos – *absentia belli*: ausência de guerra -, como se “o estudo das causas e dinâmicas de guerra fosse suficiente para construir uma ciência da paz” (Fisas, 1987: 173), os trabalhos de Galtung, com a criação do *Peace Research Institute* de Oslo (PRIO), mudam o sentido da reflexão desenvolvida até então ao posicionar os conceitos de paz positiva e violência estrutural e cultural.

A concepção de violência estrutural é formulada por Galtung, segundo Guzmán (2001: 65), em um momento de “crítica do desenvolvimento entendido à maneira do Norte como incremento da dependência dos países do Terceiro Mundo”, onde, durante a Guerra Fria, a premissa de “desenvolver os subdesenvolvidos se convertia em políticas para frear o avanço do comunismo na América Latina e em outros lugares” (idem). Como uma espécie de categoria de análise para enfrentar as desigualdades, inclusive gerando reflexões sobre novas formas de imperialismo e neocolonialismo, a violência estrutural trata da “violência que está edificada dentro da estrutura, e [que] se manifesta

¹³ No original: “comprender los orígenes de las crisis, situarlas en su verdadero ámbito y extender en la opinión pública la idea de que todas pueden ser controladas incluso antes de que exploten si se les dedica la atención y los medios necesarios”.

¹⁴ No original: “The conviction that the world is changeable, malleable, at least up to a certain point”.

¹⁵ Empirical peace studies will inform us about patterns and conditions for peace/violence in the past, since only the past can yield data. [...] Critical peace studies would evaluate data or information about the present in general, and present policies in particular, in the light of peace/violence values. [...] Constructive peace studies takes theories about what might work and brings them together with values about what ought to work” (Galtung, 1996: 11).

¹⁶ No original: “Consistiría en el reconocimiento de las múltiples y diversas competencias humanas para transformar los conflictos, desaprender las guerras y todo tipo de violencias, afrontar las relaciones internacionales, ejercer la ayuda humanitaria e ir más allá del desarrollo”.

como um poder desigual e, conseqüentemente, como oportunidades de vida distintas” (Galtung, 1969: 37, tradução nossa¹⁷).

Ao contrário da violência pessoal ou direta, na qual há um ator visível que comete o ato, na tipificação estrutural ou indireta, não há uma clara relação sujeito-objeto como ação. Isso porque, ainda que os afetados sejam visíveis, a origem da violência está, sobretudo, na desigualdade, particularmente na distribuição de poder.

Assim, quando um marido agride sua mulher, temos um caso claro de violência pessoal; mas se um milhão de maridos mantém um milhão de mulheres nessa condição, então estamos diante de uma violência que é estrutural. Igualmente, em uma sociedade na qual a esperança de vida das classes superiores é o dobro das inferiores, a violência está sendo exercida, ainda que não haja atores concretos aos quais se possa assinalar como agressores de outros, como acontece quando uma pessoa mata a outra (Galtung, 1969: 39, tradução nossa¹⁸).

Dessa discussão que revisa o conceito de violência depreende-se uma ampliação da reflexão sobre a paz. Para Galtung (1969), a paz não é somente uma questão de controle e diminuição da violência pessoal e aberta, tal qual sugeriria a ideia de paz negativa, como também da estrutural – percepção que o leva a identificar a paz positiva, principalmente, com a justiça social.

A justiça social, de acordo com o autor, consiste na distribuição igualitária de poder e de recursos, e pode ser definida como “o direito de todos à segurança, à identidade, ao bem-estar, muito próxima à noção de liberdade” (Galtung, 1969: 102, tradução nossa¹⁹). Fisas (2002: 67) reflete que a violência estrutural, em suma, está muito associada à agenda prioritária dos governos. A morte diária de crianças por falta de vacinas, por exemplo, são mortes evitáveis, “mas ocorrem porque o sistema internacional não se articula para garantir as necessidades sanitárias básicas da infância do planeta” (tradução nossa²⁰).

É o resultado, assim, de um tipo de organização social e econômica que não oferece as mesmas oportunidades a todos os seus membros, e se configura como um processo, na medida em que essas estruturas que provocam a injustiça social encontram modos de se perpetuarem – apoiando-se em aparatos militares ou policiais com frequência. Romper a cadeia da violência é tarefa complexa, ademais, porque há uma perspectiva cultural que a atravessa para justifica-la, dificultando o seu desvelo e a evidência do alcance de suas conseqüências.

Na década de 1990, com a queda do muro de Berlim e o final da Guerra Fria, Johan Galtung acresce a essas discussões sobre paz negativa e positiva, enquanto alternativa às violências direta e estrutural, a concepção de violência simbólica. Sob essa reflexão, o autor inscreve uma dimensão cultural que legitima os outros tipos de violência, a se manifestar desde “a cultura mais profunda sedimentada no subconsciente coletivo, nas assunções que definem, para uma dada civilização, o que é normal e natural” (Galtung, 1996: 08).

¹⁷ “Violencia que está edificada dentro de la estructura, y [que] se manifiesta como un poder desigual y, consiguientemente, como oportunidades de vida distintas”.

¹⁸ No original: “Así, cuando un marido golpea a su mujer tenemos ante nosotros un caso claro de violencia personal; pero si un millón de maridos mantienen a un millón de mujeres en la ignorancia nos las habemos con una violencia estructural. Igualmente, en una sociedad en la que la esperanza de vida de las clases superiores duplica la de las inferiores, la violencia está siendo ejercida, aunque no haya actores concretos a los que se pueda señalar como atacantes de otras personas, como sucede cuando una persona mata a otra”.

¹⁹ No original: “El derecho de todos a la seguridad, la identidad, el bienestar, con lo que se situaría en las cercanías de la libertad, sin llevar la cosa demasiado lejos”.

²⁰ No original: “Pero ocurren porque el sistema internacional no ha previsto garantizar las necesidades sanitarias básicas de la infancia del planeta”.

Por trás de todas as outras formas, está a violência cultural: o simbólico, nas religiões e ideologias, na linguagem e na arte, na ciência e nas leis, na mídia e na educação. Sua função é legitimar as violências direta e estrutural. De fato, nós estamos lidando com a violência na cultura, na política e na economia, e depois com a violência direta (Galtung, 1996: 02, tradução nossa²¹).

É quando o campo de estudos ganha em complexidade ao ampliar suas interfaces e constatar que, se ao âmbito da polemologia a concepção de paz dependia de um conhecimento sobre a guerra, ao nível da regulação de conflitos o lema deve ser: “conhecer bem e entender profundamente o comportamento e as razões das partes implicadas” (Fisas, 1987: 219). A alternativa, neste sentido, converte-se em dinâmica muito mais exigente que transformações pontuais, porque assinala a necessidade de se construir novos modos de cultivar as relações humanas. Inclusive no horizonte da Comunicação. O problema deixa de ser, conforme explica Vicent Guzmán (2001: 68, tradução nossa²²), se somos violentos por natureza ou não, ou se a guerra é inevitável: “a questão está na esfera de responsabilidade que temos como construtores de determinadas relações sociais e não outras. Sempre podemos pedir contas de porquê nós fazemos as coisas como fazemos”. Evidencia-se, aí, um ponto de conexão importante entre os estudos para a paz e a prática noticiosa, precisamente na proposta de reconstrução das competências humanas orientadas à paz, também desde as coberturas jornalísticas.

Vicent Martínez Guzmán, teórico-referência às investigações desse campo, inscreve a acepção metodológica da Filosofia para a Paz que, acreditamos, bem dialoga com as incursões que estamos desenvolvendo neste artigo, e com o debate sobre a configuração narrativa das abordagens sobre conflitos. Isso porque, segundo o autor catalão, vivemos sob uma intersubjetividade originária que nos une solidariamente uns com os outros, e cuja condição de existência é precisamente a transparência.

Os principais eixos sobre os quais o giro epistemológico que proponho dá voltas podem ser os seguintes: - Frente à objetividade, intersubjetividade e interpelação mútua; substituir a perspectiva do observador distante que adquire conhecimento, pela do participante em processos de reconstrução de maneiras de viver em paz; o conhecimento deixa de ser uma relação entre sujeito e objeto para se converter em uma relação entre sujeitos, entre pessoas que têm direito à interlocução (Guzmán, 2001: 114, tradução nossa²³).

Tais ponderações instigam desdobramentos na esfera da informação. Reforçam o sentido de compromisso que se estabelece desde o discurso, bem como a necessidade de se incorporar a solidariedade, enquanto laço que expressa responsabilidade, no plano prático do exercício de reportar. A preocupação por fomentar uma cultura de paz, afinal, deve atravessar, até enquanto ponto de

²¹ No original: “Behind all of this is cultural violence: all of it symbolic, in religion and ideology, in language and art, in science and law, in media and education. The function is simple enough: to legitimize direct and structural violence. In fact we are dealing with violence in culture, in politics and in economics, and then with direct violence”.

²² No original: “La cuestión está en la esfera de responsabilidad que tenemos como constructores de determinadas relaciones sociales y no otras. Siempre nos podemos pedir cuentas de porqué nos hacemos las cosas como nos las hacemos”.

²³ No original: “Los principales ejes sobre los que da vueltas el giro epistemológico que propongo, podrían ser los siguientes: - Frente a la objetividad, intersubjetividad e interpelación mutua; sustituir la perspectiva del observador distante que adquire conocimiento, por la del participante en procesos de reconstrucción de maneras de vivir en paz; el conocimiento deja de ser una relación entre sujeto y objeto para convertirse en una relación entre sujetos, entre personas que pueden decir la suya, tienen derecho a la interlocución”.

partida, os valores e técnicas assumidos pelos profissionais da mídia. Nossa responsabilidade e nossa capacidade de comprometimento, como nos indicou Giró Martí, é condição mesma para uma atuação que rompa com as tradicionais abordagens, simplistas e violentas, dos meios e alcance uma mirada de paz – atenta às dimensões estruturais e culturais que atravessam o real e preocupada com a dignidade das pessoas e a justiça social.

Em cena está, portanto, a necessidade de desenvolver tratamentos narrativos distintos. Remeter à cultura profissional, da qual fala Traquina (2005), para perceber a necessidade de transformar valores violentos emitidos pelos meios no processo de construção informativa. Assumir, neste sentido, conforme Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000), quatro condutas principais: superar as concepções dualísticas do ‘nós’ contra ‘eles’, dar voz a todas as partes implicadas, tratar os efeitos invisíveis da violência e abordar os processos de reconstrução e reconciliação em contexto de conflito.

A primeira atitude se refere à tendência a reduzir, simplificar e generalizar as realidades, eliminando os matizes na abordagem contextual e humana, que por vezes predominam na cobertura jornalística de conflitos, e que acabam por fomentar uma comunicação egocêntrica, tal qual pontua Fisas (1987: 198), “benéfica com a política interior e crítica em relação a de outros países e grupos”. Incorre, ademais, em preconceitos, estereótipos e relações de inimizade, que derivam facilmente em emoções negativas e hostis, e que podem se converter em elemento de uso político, produzindo tensões ou intensificando conflitos já existentes.

Ao homogeneizar um grupo ou categoria, tornando-os reconhecíveis como um estereótipo particular, um ‘elemento de ordem’ é criado com base em hierarquias de relações aparentemente estabelecidas. Essas hierarquias trabalham para sustentar relações de poder existentes através de um senso de certeza, regularidade e continuidade, e, ao fazê-lo, permite um nível de controle que serve para reforçar os discursos dominantes e as percepções que eles evocam (Spencer, 2005, p. 80, tradução nossa²⁴).

Escutar todas as partes implicadas no conflito, o segundo posicionamento fundante de uma prática jornalística orientada para a paz, associa-se à conduta de romper com o maniqueísmo na medida em que, ao promover o diálogo com os envolvidos, não apenas amplia a compreensão sobre a realidade dos distintos atores do conflito, como também os humaniza. Neste sentido, a abordagem sobre a cotidianidade dos anônimos pode cumprir um papel importante, para a identificação do público com os personagens, a partir da estratégia de reportar o que todos temos em comum.

Visibilizar outros pontos de vista sobre a informação desde o local, a partir de um interesse pelas vidas marginalizadas pelo interesse público e midiático, permite também traçar conexões de micro realidades a problemáticas globais – abordagens transversais, por assim dizer, que configuram conteúdos com profundidade e contextualização, em consonância com a complexidade estrutural dos conflitos. Por isso a referência aos aspectos invisíveis da violência é tão importante para coberturas noticiosas de paz: permite inscrever os fatos na história que os precede.

Como explica Galtung (1996), a ênfase do tratamento midiático deve centrar-se em descobrir os porquês das enfermidades, e não em detalhar os sintomas, de modo que o encaminhamento informativo vá além do evidente e da mera descrição, aportando dados relevantes para a compreensão

²⁴ No original: “By homogenizing a group or category, and therefore making them recognizable as a particular stereotype, an ‘element of order’ is created based on an apparently settled hierarchy of relations. This hierarchy works to sustain existing power relations through a sense of certainty, regularity and continuity, and by so doing, enables a level of control which serves to reinforce dominant discourses and the perceptions they evoke”.

dos fatores em disputa nos cenários reportados – a violência estrutural do sistema internacional, por exemplo, que se manifesta na exploração de recursos dos países periféricos ou na venda de armas leves. Uma maior atenção aos processos, e não aos acontecimentos, podemos assim resumir o terceiro ponto de destaque no âmbito das dinâmicas orientadas para a paz.

O trabalho pela paz deve buscar maneiras de fazer frente à violência estrutural não apenas tornando visíveis as estruturas econômicas ou políticas geradoras de violência, exclusão e opressão, mas também através do conhecimento de estratégias culturais ou comunicativas que, de maneira mais ou menos subliminar, perseguem a perda de nossos sentidos de responsabilidade e de nossos atos perante o sofrimento alheio (Fisas, 2002: 78, tradução nossa²⁵).

Por fim, como o que está em jogo neste campo de estudos é a promoção da justiça social – por uma luta eficaz em favor dos direitos humanos -, é necessário refletir sobre a importância de os discursos indignarem e sensibilizarem a cidadania sobre as realidades de exclusão, motivando-as, sobretudo, à ação e à participação em movimentos de mudança social. Os Estudos para a Paz se caracterizam por assumir um compromisso claro sentido a não-violência (direta, estrutural e cultural), cobrando, portanto, do jornalismo um posicionamento para a transformação criativa dos conflitos – desde os seus processos de reconstrução e reconciliação

Neste sentido, considerando os desafios do Jornalismo para a Paz frente à estrutura conservadora dos meios de comunicação e ao tratamento noticioso dominante, Xavier Giró (2020) lança a reflexão propositiva das *grietas*, espécie de abertura informativa de onde se podem revelar visões alternativas às hegemônicas. São tipos elásticos, que podem se ampliar ou se encolher conforme as reconfigurações das dinâmicas que as sustentam, e que podem emergir como veículos independentes - transmitindo visões de mundo mais críticas, a favor da mudança, assim perfurando o sistema comunicacional - ou dentro dos próprios meios tradicionais.

O mais importante, aponta o autor catalão, é que a criação das *grietas* depende do fator humano, ou seja, do movimento de resistência por parte de jornalistas que se assumam enquanto sujeitos políticos. Assim concebemos o *reporterismo* de Bru Rovira, que aqui buscamos identificar como prática de *carreteras* secundárias: também uma brecha que, desde a atitude noticiosa de reportar vidas e realidades marginalizadas pela noticiabilidade tradicional, inscreve miradas e valores distintos ao exercício jornalístico, buscando um *modus operandi* atento à cotidianidade e à complexidade contextual dos acontecimentos – conduta que, em sua trajetória internacional, toma forma na cobertura de conflitos.

4. Análise da cobertura jornalística de Bru Rovira sobre Liberia: la guerra de los tempos modernos

Para realizar o estudo da narrativa de Rovira sobre os conflitos desencadeados na Libéria no contexto pós-Guerra Fria, aplicamos o discurso do repórter catalão ao quadro de comparação entre o

²⁵ No original: “El trabajo por la paz debe buscar las maneras de hacer frente a la violencia estructural no sólo haciendo visibles las estructuras económicas o políticas generadoras de violencia, exclusión y opresión, sino también a través del conocimiento de las estrategias culturales o comunicativas que de manera más o menos subliminal persiguen la pérdida de nuestro sentido de la responsabilidad, y que nos invitan a desconocer las consecuencias de nuestros actos, especialmente del sufrimiento ajeno”.

Jornalismo para a Paz (modelo alternativo) e o Jornalismo de Guerra (modelo dominante), proposto por Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000: 29).

JORNALISMO PARA A PAZ	JORNALISMO DE GUERRA
I – Orientado à paz/ ao conflito	I – Orientado à guerra / à violência
Explora a formação do conflito;	Centra-se no terreno do conflito;
Apresenta um tratamento e uma abordagem mais amplos, críticos e aprofundados sobre o conflito;	Apresenta um tratamento e uma abordagem superficiais e simplificados sobre a guerra;
Explora a complexidade dos atores implicados no conflito;	Centra-se nos atores principais;
II – Orientado à verdade	II – Orientado à propaganda
Expõe as falsidades de todos os lados;	Expõe as falsidades dos “outros” e colabora com “nossos” enganos e mentiras;
Defende um compromisso com a justiça, a liberdade e a paz;	Defende a objetividade e a neutralidade jornalísticas;
III – Orientado à gente	III – Orientado às elites
Enfatiza o sofrimento de todos os atores;	Enfatiza o sofrimento dos “nossos”;
Dedica atenção às pessoas, dando voz aos que normalmente não a têm;	Dedica atenção aos homens da elite, personalizando as guerras e convertendo-as em seus microfones;
Identifica e destaca todos os grupos e pessoas que trabalham pela paz;	Identifica e destaca os homens da elite que trabalham pela paz;
IV – Orientado à solução	IV – Orientado à vitória
Destaca todas as iniciativas de paz, também para prevenir mais violência;	Ocultas as iniciativas de paz até que a vitória esteja garantida;
Promove efeitos e repercussões que contemplam a resolução, a reconstrução e a reconciliação.	Vive para uma próxima guerra, ou para a mesma, se volta a violência.

FONTE: JAKE LYNCH E ANNABEL MCGOLDRICK, 2000: 29

Extraímos, deste modo, citações literais dos textos de Rovira que, pelo conteúdo que têm ou pela linguagem que utilizam, bem correspondem a algum dos quatro grandes pares de orientação do quadro e se associam a algum de seus vetores específicos contrapostos. Essas citações são como proposições que sintetizam e expressam descrições, interpretações ou avaliações do jornalista sobre a realidade dos conflitos que está cobrindo, o que nos permite identificar a tomada de posição de seu discurso e também os caminhos narrativos por ele elegidos para reportar o país em questão.

Nosso objetivo, assim, além de constatar se existe uma aproximação entre a cobertura jornalística de Bru Rovira sobre a Libéria e a perspectiva do Jornalismo para a Paz, foi também registrar as incursões narrativas por ele empreendidas para tratar dos assuntos reportados, isto é: se houve um tratamento complexo dos conflitos, como ou por quais caminhos isso foi alcançado; se as pessoas comuns, e não as elites, foram o centro de seus relatos, e como isso se revelou em sua escritura; de modo que, a partir de então, nos seja possível depreender considerações sobre a configuração narrativa do jornalismo de *carreteras* secundárias.

4.1. Orientado à paz/ao conflito ou Orientado à guerra/à violência

Frente a este grande par de orientações contrapostas estabelecido por Lynch e McGoldrick (2000), verificamos o predomínio da lógica do Jornalismo para a Paz no discurso do autor. Em geral, Bru Rovira não se centra no terreno da confrontação ao identificar e explicar as causas dos conflitos, mas busca estabelecer suas relações com os processos históricos de colonização, independência e Guerra Fria que atravessaram o país, bem como detalhar a formação dos conflitos desde fatores internos que já anunciavam problemáticas e riscos para a eclosão de combates.

Começa, assim, com uma primeira estratégia narrativa de inscrever a realidade de guerra civil da Libéria, em 2003, em perspectiva relacional com a Guerra Fria, a partir dos interesses dos Estados Unidos no território, onde possuía a maior base de espionagem e transmissões da África Subsaariana, com o sistema Ômega alojado em Monrovia para disparar misseis desde os submarinos do Atlântico, e com interferências em apoio ao golpe de Estado de Samuel Doe, em 1980, que bem servia às políticas norte-americanas daquele período: “esse era o caráter do governo da Libéria, explorado pelos Estados Unidos na Guerra Fria como um instrumento de usar e jogar fora”, escreve Rovira (2006: 138, tradução nossa).

A posterior escalada ao poder de Charles Taylor, através da incitação de uma revanche tribal pelos *gio e manos*, reunidos sob as siglas da Frente Nacional Patriótica da Libéria (NPFL), contra os *krahn e mandinga*, que durante os anos de governo de Doe os haviam perseguido, é explorada narrativamente por Rovira como a transição das lógicas de conflitos da Guerra Fria à nova ordem dos Senhores de Guerra: “se Charles Taylor é o arquétipo dos que chegavam, na década de 1990, Samuel Doe era um bom exemplo daquele período da história que ficava para trás” (Rovira, 2006: 135, tradução nossa²⁶).

A emergência de um novo tipo de violência organizada, denominada por Mary Kaldor (2003: 79) de “novas guerras”, ganha terreno em contextos de erosão da autonomia dos estados, cenário enfrentado por muitos países africanos no pós-Guerra Fria, e se caracteriza, sobretudo, pela diversidade de tipos de forças armadas e por um poder que já não mais deriva de uma fonte central, e sim dos que exercem controle sobre o contrabando de armas, o tráfico de drogas e os recursos naturais.

São guerras em rede porque são constituídas por redes armadas de atores estatais e não-estatais. Incluem grupos paramilitares organizados em torno a um líder carismático, senhores de guerra que controlam territórios concretos, células terroristas, voluntários fanáticos, organizações criminais, unidades de forças

²⁶ No original: “Si Charles Taylor es el arquetipo de los que llegaban, Samuel Doe era un buen ejemplo de aquel periodo de la historia que quedaba atrás”.

regulares e outros corpos de segurança do Estado, assim como mercenários e companhias militares privadas (Kaldor, 2003: 79).

Por isso, a contextualização histórica empreendida por Rovira (2006: 135, tradução nossa) para cobrir os conflitos liberianos de 2003 é também atravessada pela problemática das armas e da exploração de recursos naturais na região, que “configuram um círculo perverso alimentado pelo crime e pelo tráfico ilegal” e permitem “manter viva a privatização da luta armada”. Desde o período escravista, as armas de fogo ocupam um lugar de destaque na relação entre Europa e África: são um produto essencial, afirma Sebástian (2007: 64, tradução nossa²⁷), que a Europa vende ao continente africano em troca de ouro, diamantes, petróleo, minerais, cacau, café e etc. Os países europeus armaram os países africanos em uma medida totalmente desproporcional e contraproducente para o seu desenvolvimento político e para segurança civil de suas populações, e “estabeleceram uma espiral crescente de violência há mais de 400 anos, onde os reis africanos, que necessitavam cativos e não dispunham de equipes para fabricar armas de fogo, se viram obrigados a comprá-las dos europeus, e esses só a vendiam em troca de escravos”.

Na perpetuação dos conflitos que assolam a Libéria, portanto, e outros tantos países africanos, está o fato de que “os combatentes podem se abastecer no mercado internacional sob uma lógica que promove uma sorte de poder corrupto onde o guerreiro se torna senhor e mestre, ao mesmo tempo que os cidadãos se convertem em seus reféns” (Rovira, 2006: 154, tradução nossa²⁸). Durante as ofensivas das forças armadas de oposição para derrubar Charles Taylor, iniciadas em cinco de junho de 2003, os combates foram tão intensos que os locais chegaram a chamá-los de Terceira Guerra Mundial: a guerra de verão que obrigou Taylor a fugir para Nigéria no dia 11 de agosto se desenvolveu em 3 atos, e teve seu pior momento em 18 de julho, quando os rebeldes lançaram munição abundante sobre os pontos nevrálgicos da capital.

A prática jornalística que explora a contextualização dos fatos e uma abordagem complexa ao entorno social favorece também a promoção de nuances sobre a realidade e as pessoas reportadas, de modo a romper com associações maniqueístas e contribuir com uma dinâmica mais orientada à verdade que a propaganda, conforme a segunda disjuntiva do quadro de Lynch e McGoldrick (2000).

4.2. Orientado à verdade ou Orientado à propaganda

Aqui, evidenciamos que a conduta narrativa de Bru Rovira busca apartar-se dos discursos oficiais para problematizar as ações de interferência estrangeira na realidade liberiana e para denunciar a convivência de empresas internacionais em negócios obscuros no país. O princípio da cadeia de distribuição de armas no território não está, segundo apurado em sua reportagem, “nos grupos mafiosos ou governantes ditatoriais, mas nos países que asseguram zelar pela segurança e paz no mundo” (Rovira, 2006: 155, tradução nossa²⁹). Os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) – França, Rússia, China, Reino Unido e

²⁷ No original: “Un círculo vicioso fue establecido con una espiral creciente de violencia donde los reyes africanos, que necesitaban de cautivos y no disponían de equipos para fabricar armas de fuego, se vieron obligados a comprarlas de los europeos, en cuanto los europeos sólo las vendían a cambio de esclavos”.

²⁸ No original: “Las armas promueven una suerte de poder corrupto donde el guerrero se erige en amo y señor, al tiempo que los ciudadanos se convierten en sus rehenes, la sociedad civil se desmorona”.

²⁹ No original: “Al principio de la cadena que distribuye las armas no están los grupos mafiosos o gobernantes dictatoriales, sino los países que aseguran velar por la seguridad y la paz en el mundo”.

Estados Unidos – são os que mais armas convencionais vendem, acumulando 88% das exportações realizadas no mundo.

No caso dos conflitos de 2003, que desembocaram na queda de Charles Taylor, o armamento utilizado nos combates pelas forças rebeldes foi comprado no Irã, com mediação da República da Guiné, e chegou na capital Conacri através de voos realizados pela companhia ucraniana LVIV. Foram os próprios militares guineenses, destacados pelas Nações Unidas dentro do contingente das forças de manutenção de paz para Serra Leoa, o MINUSIL, que o transportaram até a fronteira da Libéria e o entregaram ao LURD: “os traficantes de armas eram seus soldados em missão de paz”, conforme aponta Rovira (2006: 152, tradução nossa), e para as companhias estrangeiras, “pouco importa que as mãos que recolhem seu dinheiro sejam mãos ensanguentadas”.

O tom crítico à atuação da Missão das Nações Unidas para a Libéria (UNMIL) também prevalece nos registros do repórter:

Em uma daquelas noites me fixei em um grupo de soldados do UNMIL que conversavam animadamente enquanto tomavam grandes canecas de cerveja. ‘Como vocês estão?’ – perguntei a um dos bósnios. ‘-Nenhum problema’. ‘-E com os liberianos?’. ‘- Que gente tão selvagem!’ – riram, em coro, os soldados da ex-Iugoslávia. [...] Ao escutá-lo, não sei se o que resulta mais chocante é a visão hipócrita e racista que nós europeus temos da África ou o cinismo com que costumamos olhar para nós mesmos” (Rovira, 2006: 129, tradução nossa³⁰).

A cercania, neste sentido, é um dos dispositivos acionados por Rovira para empreender uma apuração atenta, densa em matizes no que diz respeito ao olhar sobre as relações de poder que atravessam a cooperação internacional e também interessada em abordar os conflitos desde suas implicações na vida comum. Essa dinâmica, que é uma atitude vital do jornalismo de Rovira, bem associa as duas proposições iniciais da perspectiva para a Paz ao par seguinte de orientações de Lynch e McGoldrick (2000), como pretendemos evidenciar adiante.

4.3. Orientado à gente ou Orientado às elites

A terceira disjuntiva inscreve a preocupação do Jornalismo para a Paz em conferir protagonismo aos sujeitos cujas vidas e vozes não são considerados pelos discursos dominantes, ao passo que o modelo para a Guerra se centra nas elites e em seus interesses. As incursões narrativas de Rovira sinalizam para um intento de aproximação dialógica com diferentes grupos envolvidos na realidade local: registram o testemunho de garotos sequestrados pelos Senhores de Guerra em meio à queda de Charles Taylor, como é o caso de Ibrahim e sua irmã, de homens que tiveram que abandonar seus lares pelas perseguições entre as guerrilhas, como James, ou, ainda, daqueles que estão do outro lado – soldados dessa nova ordem de guerra que, sob a mirada das carreteras secundárias, em orientação à paz, são humanizados e reportados em suas trajetórias de vida e percepções sobre os conflitos.

Morris, Varney e Sako protagonizam esses relatos. Converteram-se em membros do exército de Taylor aos doze anos, quando empunharam um fuzil pela primeira vez após terem suas aldeias queimadas e suas famílias assassinadas. Passaram a última década lutando junto à Unidade Anti-

³⁰ No original: “Qué tal os lleváis entre vosotros? – pregunté a unos de los bosnios, soldados de UNMIL. – Ningún problema. – Y con los liberianos? – Qué gente tan salvaje! Si lo que resulta más chocante es la visión hipócrita y racista que los europeos tenemos sobre África o lo que realmente no incomoda es el cinismo con el que solemos mirarnos a nosotros mismos”.

terrorista (ATU), dirigida pelo filho de Taylor, Chuckie – a mesma ordem que destruiu os seus lares. Nunca foram à escola, e não têm outros laços que aqueles que mantém entre si desde então:

– *Sabe? – diz Morris, enquanto desenha círculos na areia com um graveto. – A primeira vez que você mata, faz com uma arma na sua bochecha. Ou mata, ou morre. Essa é a instrução. É assim que te convertem em um soldado. Então, nada mais importa. Depois de um tempo, sua família são os camaradas de armas, e a guerra é a única vida que você é capaz de levar* (Rovira, 2006: 148, tradução nossa³¹).

A partir de suas perspectivas, a reportagem sobre as guerras na Libéria se reveste da abordagem compreensiva que estamos a enfatizar aqui: “é a escuta que te pode levar ao mais profundo do ser humano, a te fazer perceber que uma pessoa em combate também ama, também sofre, é movida por muitas coisas como você” (Rovira, 2019: informação verbal³²). Abre, assim, brechas para se refletir sobre as dimensões estruturais, nem sempre visíveis, que sustentam a lógica dos conflitos: “- Qual foi a razão da guerra para vocês?”, pergunto. – ‘Os políticos são os que decidem. Eles foram à escola, sabem ler os papéis. Os intelectuais também. São os que organizam. Nós só sabemos ir ao combate’, responde Morris” (Rovira, 2004: 149, tradução nossa³³).

Tampouco lhes resta riqueza, já que são os comandantes que se aproveitam do que é roubado – “é só olhar para os carros que dirigem”, é o que sugere Varney” (Rovira, 2004: 148, tradução nossa). Depois da fuga de Taylor, decidiram entregar seus fuzis em troca de duzentos dólares, e assistiram ao curso de reeducação organizado pelas forças de pacificação no país, porque assim também conseguiam se alimentar três vezes ao dia. “O problema está no que fazer agora, uma vez reeducados, mas sem estudos, sem família, sem terem aonde viver. ‘- Me faz mal pensar no futuro’ – diz Morris. O futuro...” (Rovira, 2004: 148, tradução nossa³⁴).

5. Considerações

Em grande medida, escreve Mark Huband (2004: 16) em seu livro *África después de la Guerra Fría: la promesa rota de un continente*, “a culpa pela intransigência dos déspotas africanos deve ser atribuída aos poderes estrangeiros, que concederam uma credibilidade decisiva a alguns dos piores líderes que o mundo já conheceu”. Essa linha de reflexão atravessa também a posição ideológica de Rovira sobre os conflitos na Libéria, como tivemos a oportunidade de verificar a partir da análise de suas incursões narrativas através das macro-proposições extraídas de seu discurso.

Sua cobertura jornalística estabelece como marco para tratar a realidade moderna do país o período da Guerra Fria e a estratégica relação que os Estados Unidos estabeleceram com o território, enquanto esse lhes servia a seus interesses de espionagem e exploração de recursos no continente

³¹ No original: “¿Sabes? – La primera vez que matas, lo haces con una pistola en la sien. O matas, o mueres. Así es la instrucción. Así es como te convierten en un soldado. Luego ya nada importa – Morris. Al cabo del tiempo, tu familia son los camaradas de armas y la guerra es la única vida que eres capaz de llevar”.

³² Entrevista concedida aos autores em 02 de outubro de 2019.

³³ No original: “- ¿Cuál fue la razón de la guerra, según vosotros? -Los políticos son los que deciden. Ellos han ido a la escuela. Saben leer los papeles. Los intelectuales también. Son los que lo organizan. Nosotros sólo sabemos ir al combate. Ellos se aprovechan”.

³⁴ No original: “El problema está en qué hacen ahora. No tienen trabajo. No tienen estudios. No tienen familia. No tienen dónde vivir. - ¡Me hace daño pensar en el futuro! – dice Morris. El futuro...”.

africano. Os oito textos compilados no livro *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos* (2006) foram publicados como uma grande reportagem na seção El Magazine, do jornal La Vanguardia, em 16 de maio de 2004, e enfatizam a mirada do repórter catalão à evolução das dinâmicas de guerra, desde a lógica do mundo polarizado pós Segunda Guerra Mundial até a dos Senhores de guerra, que atualmente impera em alguns países africanos.

O tratamento narrativo de Rovira elege, assim, enfocar essas novas guerras que assolam a Libéria sob a implicação norte-americana nos golpes de Estado e eleições fraudulentas de Samuel Doe, em 1980, e de seu consequente abandono com a escalada de Charles Taylor ao poder, no início dos anos 1990, deixando como rastro o fortalecimento das juntas militares e do tráfico de armas na região. Aqui, uma vez mais, portanto, evidenciamos o trabalho jornalístico de Rovira de abordar os equívocos de todos os lados, conforme orienta a disjuntiva de Lynch e McGoldrick (2000) sentido à verdade, e que em seu discurso se manifesta através da crítica ao envolvimento estratégico, e ademais colonial, do Ocidente com a África.

Na atualidade, já concluída a Guerra Fria, os três países – Angola, Zaire e Libéria -, despejados por aqueles que em outro tempo os usaram, foram completamente destruídos pelas guerras travadas no território com a falsa promessa de que, se apoiassem o lado certo no conflito das superpotências, ganhariam um futuro esplêndido. Com a área já arrasada, eles foram deixados a se defender na solidão da vasta selva em que entraram, instigados pelos países do mundo desenvolvido aos quais sucumbiram com uma mistura de engano e bajulação (Huband, 2004: 26, tradução nossa).

Além de priorizar um recorte espaço-temporal amplo em seus relatos, de modo a explorar a evolução da configuração dos conflitos – que, se antes se baseavam em estruturas verticais e hierarquizadas, hoje incluem uma grande disparidade de atores e grupos, cuja legitimidade “se produz em estados frágeis, falidos, colapsados ou caóticos” (Fisas, 1987: 85) -, o reportarismo de Rovira se atenta aos diferentes matizes dos atores implicados nesta nova ordem, aproximando-se das histórias dos soldados recrutados pelo governo Taylor – Morris, Sako e Varney.

A escuta de seus relatos e o registro do que pensam sobre a guerra os homens que trabalham para o mesmo exército que matou seus familiares, conduz a narrativa de Rovira sentido à humanização dos atores implicados nos conflitos, rompendo com o tradicional esquema dualístico de heróis e vilões que costuma protagonizar a cobertura midiática. Da análise desenvolvida neste estudo, portanto, extraímos uma matriz ideológica e narrativa que aproxima a prática noticiosa de Rovira ao Jornalismo para a Paz, pela priorização de um modelo narrativo complexo e orientado às pessoas em sua conduta e escritura jornalística.

Referências bibliográficas

- Fisas, Vicenç (1987) *Introducció a l'estudi de la pau i dels conflictes*. Barcelona, RBA.
- Fisas, Vicenç (1987) *La paz es posible*. Barcelona, Plaza & Janes Editores.
- Galtung, Johan; Hauge, Mari Holmboe (1965) The Structure of Foreign News. *Journal of Peace Research*, Vol. 2, No. 1, pp. 64-91.
- Galtung, Johan (1969) Violence, peace, and peace research. *Journal of Peace Research*, Vol. 6, núm. 3, pp. 167-191.
- Galtung, Johan (1996) *Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization*. Oslo, PRIO.

- Giró, Xavier, Farrera, Laia, Carrera, Mar (2014) Análisis de la cobertura en dos televisiones públicas de la catástrofe humanitaria de Haití. *QUADERNS DEL CAC*, Vol. XVII.
- Giró, Xavier (2020) A responsabilidade política do jornalismo em cobertura de conflitos. *Compolítica*, Vol. 10(2), 193-204.
- Guzmán, Vicent (2001) *Filosofía para hacer las paces*. Barcelona, Icaria.
- Huband, Mark (2004) África después de la guerra fría: la promesa rota de un continente, Barcelona, Paidós.
- Kaldor, Mary (2003) Haz la ley y no la guerra: la aparición de la sociedad civil global. In: Castells, M. y Serra, N. (Orgs). *Guerra y paz en el siglo XXI: una perspectiva europea*. Barcelona, Tusquets.
- Kapuściński, Ryszard (2002) *Los cínicos no sirven para este oficio: sobre el buen periodismo*. Barcelona: editorial Anagrama.
- Lage, Nilson (2005) *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 6.ed. Rio de Janeiro, Record.
- Lynch, Jake, McGoldrick, Annabel (2000) *Peace Journalism*, Gloucestershire (UK), Hawthorn House.
- Piris, Alberto (2001) Un periodismo deseable. In: Sánchez, G., Leguineche, M. (Orgs). *Los ojos de la guerra*, Barcelona, Plaza & Janes Editores.
- Rovira, Bru (2006) *Áfricas: cosas que pasan no tan lejos*. 2ed. Barcelona, RBA Libros.
- Sánchez, Martín (2011) Más allá de la violencia: el periodismo de paz como alternativa ética y responsable en la cobertura de conflictos. In: Aldás, E (Orgs). *Comunicación para la paz en acción*. Castellón, Universitat Jaume I.
- Sebastián, Luis (2007) *África, pecado de Europa*. Madrid: Editora Trotta.
- Shoemaker, Pamela (2006) News and newsworthiness: a commentary. *Communications*, Vol. 31, pp.105-111.
- Sodré, Muniz (2009) A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, Vozes.
- Spencer, Graham (2005) *The media and Peace*. New York, Palgrave Macmillan.
- Traquina, Nelson (2005) Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis, Insular.